

MULHERES ENCARCERADAS: CARTAS E ENTREVISTAS SOBRE A VIDA NA PRISÃO (2004-2014)

INCARCERATED WOMEN: LETTERS AND INTERVIEWS ON PRISON LIFE (2004-
2014)

MUJERES RECLUSAS: CARTAS Y ENTREVISTAS SOBRE LA VIDA EN LA CÁRCEL

*Nem louca, nem bruxa, nem santa, nem puta. Você é
mulher e é sua essa luta. (Thais C. S. Gomes)*

Pamela de Gracia Paiva

Pós-graduada em Metodologia do Ensino da História e Geografia (Uninter). Pós-graduanda em Sociologia Política (UFPR). Graduada em História (TUIUTI). Graduanda em Pedagogia (Uninter). Professora da rede pública de educação do Paraná.

E-mail: profepamelapaiva@hotmail.com / phanngp@gmail.com.

RESUMO

O tema proposto nesta pesquisa é a análise da invisibilidade das mulheres no sistema prisional feminino, temática esta de caráter subjetivo. Assim, o objetivo desse trabalho é investigar as causas da invisibilidade das mulheres encarceradas e se este problema está relacionado à questão de gênero, como uma forma de puni-las socialmente pelo crime praticado. A metodologia adotada é a revisão bibliográfica, e também a análise documental, que estuda cartas de mulheres privadas de liberdade destinadas a pessoas próximas e entrevistas realizadas no ano de 2017, na cidade de Curitiba, nas dependências do Escritório Social, antigo semiaberto. As mulheres entrevistadas cumpriam pena usando o monitoramento eletrônico e exerciam atividade laboral no Escritório. Foram entrevistadas três mulheres, cuja identidade é preservada; identificadas como Encarcerada 1, Encarcerada 2 e Encarcerada 3. Para a discussão proposta, foram utilizados os pesquisadores Erving Goffman e Michelle Perrot, que auxiliam na compreensão das questões penitenciárias e de gênero, e também Paul Thompson e Verena Alberti, que orientam na metodologia da história oral. O resultado da pesquisa permite constatar o reconhecimento das mulheres da sua própria invisibilidade, suas falas carregadas de sentimentos, e a comprovação de suas privações. Compreende-se, portanto, que são seres humanos; independentemente do ato praticado, há de se levar em consideração em que medida o sistema prisional, nas condições em que se encontra, consegue contribuir para a reinserção dessas mulheres na sociedade.

Palavras-chave: Mulheres. Sistema Penitenciário. Prisão. Invisibilidade.

ABSTRACT

The theme proposed in this research is the analysis of women's invisibility in the female prison system, a subjective thematic. Thus, the objective of this paper is to investigate the causes of the invisibility of incarcerated women and if this problem is related to gender, as a way of socially punishing them for the crime committed. The methodology adopted is the literature review, as well as the document analysis, which studies letters from women deprived of their liberty, to people close to them, and interviews held in 2017, in the city of Curitiba, in the premises of the Social Office, formerly semi-open. The women interviewed served their sentences using electronic monitoring and worked in the office. Three women were interviewed, whose identity is preserved; identified as Incarcerated 1, Incarcerated 2 and Incarcerated 3. For the proposed discussion, researchers Erving Goffman and Michelle Perrot were consulted to assist in the understanding of penitentiary and gender issues, as well as Paul Thompson and Verena Alberti, who guide the methodology of oral history. The result of the research shows the recognition by women of their own invisibility, their speech loaded with feelings, and the proving of their deprivation. It is understood, therefore, that they are human

beings; regardless of the act performed, it must be taken into account the extent to which the prison system, under its current conditions, contributes to the reintegration of these women into society.

Keywords: Women. Penitentiary system. Prison. Invisibility.

RESUMEN

El tema que se propone en esta investigación es el análisis de la invisibilidad de las mujeres en el sistema penitenciario femenino, tema este de carácter subjetivo. Así, el objetivo de este estudio es investigar las causas de la invisibilidad de las mujeres encarceladas y si este problema se relaciona con la cuestión de género, como forma de castigarlas socialmente por el crimen cometido. La metodología adoptada es la revisión bibliográfica y el análisis documental, que estudiará cartas de mujeres privadas de libertad, dirigidas a personas conocidas, así como entrevistas realizadas en el año 2017, en la ciudad de Curitiba, en las dependencias de la Oficina Social, antiguo presidio semiabierto. Las mujeres entrevistadas cumplían pena utilizando el monitoreo electrónico, y ejercían actividad laboral en la Oficina. Se entrevistaron tres mujeres, cuya privacidad será preservada y que serán identificadas como Reclusa 1, Reclusa 2 y Reclusa 3. Para la discusión, se revisaron los investigadores Erving Goffman y Michelle Perrot, quienes aportan a la comprensión de las cuestiones penitenciarias y de género, así como Paul Thompson y Verena Alberti, quienes auxilian en la metodología de la historia oral. Los resultados del estudio permiten constatar el reconocimiento de las mujeres acerca de su propia invisibilidad, su habla cargada de sentimientos y la comprobación de sus privaciones. Se comprende que se trata de seres humanos; independientemente del acto practicado, hay que considerar en qué proporción el sistema penitenciario, en las condiciones en que se encuentra, logra contribuir para la reinserción de esas mujeres en la sociedad.

Palabras-clave: Mujeres. Sistema Penitenciario. Cárcel. Invisibilidad.

INTRODUÇÃO

O sistema penitenciário do Brasil, aliado às questões que envolvem as mulheres privadas de liberdade em estabelecimentos penais, são temas que geram poucos debates na sociedade, e quando ganham alguma repercussão o debate gira em torno do aprisionamento masculino, deixando as mulheres encarceradas esquecidas no breu. No campo da História é uma temática pouco abordada e explorada. Refletindo sobre isso, surgiu o interesse em trabalhar com tal objeto. Os resultados dessa investigação serão apresentados nas próximas páginas.

O intervalo de dez anos, escolhido entre 2004 e 2014, se deu por serem esses anos que as principais fontes foram elaboradas, as cartas e os prontuários que estavam disponíveis na instituição para pesquisa. Acerca do recorte espacial, a escolha se deu pela possibilidade de melhor acesso às fontes orais, que serão utilizadas para fomentar a pesquisa, possibilitando assim uma história regional das mulheres encarceradas.

Dito isso, o objetivo proposto pretende analisar a invisibilidade e o abandono das mulheres privadas de liberdade na cidade de Curitiba. Para encaminhar este trabalho no sentido de atingir o objetivo proposto, utilizar-se-ão cartas e entrevistas orais, que foram

concedidas por mulheres que estavam cumprindo pena no sistema prisional, além de dados coletados na própria unidade prisional sobre o perfil da presa do regime semiaberto. Ressalta-se que nas entrevistas orais o nome das mulheres será ocultado, e serão tratadas como: Encarcerada 1, Encarcerada 2 e Encarcerada 3.

Promover-se-á a discussão sobre as subjetividades¹ que acompanham o aprisionamento feminino, como a invisibilidade das mulheres que (sobre)vivem nesses espaços, assim como o abandono, sobretudo por parte dos parceiros e familiares aos que são submetidas, o que as torna invisíveis para uma grande parcela da sociedade.

O artigo trará, em seu primeiro item, uma breve historiografia do sistema prisional do Paraná, para em seguida discorrer acerca do perfil e da invisibilidade das mulheres encarceradas e que foram transferidas para o regime semiaberto, momento em que serão usados dados das entrevistas orais, realizadas com as três mulheres e cartas conseguidas a partir de visitas diárias ao Escritório Social do Departamento Penitenciário do Paraná (DEPEN/PR), localizado no bairro Atuba, na cidade de Curitiba.

As entrevistas tiveram como objetivo dar voz às mulheres sobre o seu abandono e quanto à invisibilidade a que estão sujeitas. Revelaram-se importantes elementos de análise juntamente com as cartas. Dessa forma, será conhecido um pouco das percepções que elas têm de si mesmas e das sentimentalidades envolvidas numa situação de privação de liberdade ou de liberdade restrita.

SISTEMA PRISIONAL DO PARANÁ: BREVE HISTÓRICO E PERFIL DAS MULHERES QUE PASSARAM PELO REGIME SEMIABERTO ENTRE 2004-2014

A primeira penitenciária do Estado do Paraná foi criada em 1909 e era conhecida como *Presídio do Ahú*. Era uma prisão pequena, com cerca de 52 vagas, que eram ocupadas por 55 detentos, já revelando, naquela época, um *déficit* de espaços, sendo que homens e mulheres ficavam presos nesse mesmo estabelecimento, apenas em alas separadas.

Outras prisões foram surgindo e podem ser citadas como a *Colônia Penal Agrícola* em 1940 e a *Penitenciária Central do Estado (PCE)* em 1954. E em 1960, as mulheres foram

¹ Subjetividade é algo que pode variar de acordo com o julgamento de cada indivíduo, pois cada um pode interpretar à sua maneira algo que ocorreu, diz respeito ao sentimento de cada pessoa, sua opinião sobre determinado assunto, opinião essa que pode ser formada por uma série de fatores, tais como crenças, suas experiências e histórias de vida.

separadas dos homens e transferidas para um distrito policial, no centro da cidade de Curitiba.

No final dos anos de 1960, no Município de Piraquara, iniciou-se a construção de uma penitenciária feminina, porém de acordo com o modelo masculino, ou seja, não estava adequada às necessidades femininas. Tal espaço foi inaugurado em 1970, com o nome de *Penitenciária de Mulheres* ou *Presídio de Mulheres*. Em 1980, foi renomeado para *Penitenciária Feminina do Estado (PFE)* e em 1993 foi alterado para *Penitenciária Feminina no Paraná (PFP)*, nome que permanece até os dias de hoje.

Ainda sobre as penitenciárias do Estado do Paraná, após a aprovação da LEP, em 1984, foi necessária a criação de uma unidade para atender as presas do regime semiaberto e, em 1985, funcionando no mesmo complexo da *Penitenciária Feminina do Paraná (PFP)*, foi criada a *Unidade de Regime Semi-Aberto Feminino (URSAF)* que abrigava em torno de 18 presas.

Já em 1991, a URSAF passou a ter o nome de *Penitenciária Feminina de Regime Semi-Aberto do Paraná (PFA)* e, em 2007, teve sua identificação modificada mais uma vez e passou a se chamar *Centro de Regime Semiaberto de Curitiba (CRAF)*, nome atual, com capacidade para atender 106 mulheres presas.

Porém, em 2017, o semiaberto de Curitiba foi desativado e as mulheres que lá estavam foram todas colocadas em liberdade, com o uso do monitoramento eletrônico²; atualmente no prédio que servia ao CRAF está localizado o Escritório Social que visa o atendimento de mulheres monitoradas eletronicamente em Curitiba. Tal escritório também auxilia na sua reinserção no mercado de trabalho, oferece cursos e também é responsável por refazer os documentos pessoais que por ventura tenham sido extraviados.

De acordo com pesquisa realizada dentro da instituição, o que possibilitou o contato com prontuários de presas, ali havia cerca de 256 prontuários e, destes, 177 foram usados para compor a amostra, pois eram de mulheres presas entre os anos de 2004 a 2014, recorte temporal da pesquisa. Foi possível constatar o perfil das mulheres que lá estavam cumprindo pena: as mulheres negras e pardas correspondiam a 29% e mulheres brancas a 47%, entretanto, havia prontuários que não continham tal informação em nenhum

² É uma forma de pena que substitui a privação de liberdade e que pode ser utilizada durante o processo de socialização do preso no regime aberto. Com o semiaberto feminino temporariamente fechado, todas elas utilizam o monitoramento eletrônico.

documento, o que corresponde a 24%, em outros a informação sobre a cor da “cútis” não correspondia à foto apresentada, mostrando que essa é uma informação frágil e subjetiva.

Sobre a escolaridade, 84% delas possuem pouca ou nenhuma escolaridade, sendo encontrado apenas 1 prontuário de uma mulher com ensino superior completo e 3 prontuários de mulheres com ensino superior incompleto. Essa baixa escolaridade se reflete na atividade laboral que elas exerciam até o momento em que foram presas: doméstica, ajudante geral, auxiliar de cozinha, pescadora, costureira, manicure, garota de programa, desempregada, entre outras ocupações que formaram essa amostra.

Em grande parte, mulheres solteiras e católicas, jovens em sua maioria, 63% entre os 18 e os 30 anos de idade. Presas por tráfico de drogas ou associação ao tráfico; em cerca de 130 prontuários constava tal crime, normalmente associado ao porte ilegal de arma, desacato, roubo ou furto. No que se refere à quantidade de drogas apreendida, há uma variedade imensa, porém, é possível observar que, quando a mulher é pega com crack, mesmo que em quantidade bem pequena, a pena é maior do que as que foram presas com maconha ou cocaína, evidenciando a estigmatização que essa droga carrega consigo.

Tais prontuários trazem diversas informações sobre a história daquelas mulheres, e são compostos pelos seguintes documentos: documentos pessoais, ficha de identificação pessoal e social, fotografias do rosto, cicatrizes, tatuagens e qualquer marca que possa identificá-las³, histórico de registro policial, ficha de triagem pedagógica e psicológica, processo, relatório da situação processual executória, mandato de monitoramento⁴, atas de conselho disciplinar quando cometem alguma falta na instituição penitenciária, histórico de medicalização, certificados de cursos, leituras e comprovantes de horas trabalhadas para ajudar na remissão de pena, entre outros. A prisão e os prontuários são formas de observar e conhecer as pessoas encarceradas, o “conhecimento de cada detento, de seu comportamento, de suas disposições profundas, de sua progressiva

³ São relatórios bem detalhados que contam também com campos como: formato do rosto, cor dos cabelos, como são as sobrancelhas, a testa, o nariz, as orelhas e os olhos. Se há deformidades ou amputações, sexualidade, sendo um documento bem completo para descrever fisicamente as apenadas.

⁴ Quando ela sai com o monitoramento eletrônico, há uma série de deveres que devem ser obedecidos. Podem ficar na rua entre 5 horas da manhã até as 23 horas da noite, devem evitar atividades físicas que possam danificar o equipamento de monitoração eletrônica e não devem deixá-la submersa por muito tempo, não sair da área permitida ou se mudar sem a autorização do juiz, zelar pelo equipamento e comparecer aos órgãos competentes sempre que solicitada a sua presença.

melhora; as prisões devem ser concebidas como um local de formação para um saber clínico sobre os condenados” (FOUCAULT, 2014, p. 242).

Além do acesso a essa documentação, foram entrevistadas três presas que cumpriam pena com o uso do monitoramento eletrônico, elas relataram um pouco das suas experiências dentro da prisão no regime fechado e no semiaberto; alguns fragmentos dessas entrevistas serão usados no segundo item deste artigo.

RELATOS, CARTAS E ENTREVISTAS DE MULHERES ENCARCERADAS

Para se trabalhar com fontes orais, alguns cuidados são necessários, segundo Venera Alberti (2008, p. 165), “é bom ter claro que a opção pela história oral responde apenas a determinadas questões e não é solução para todos os problemas.” E ainda, para Paul Thompson (1992, p. 260), é possível apontar que a “riqueza da história oral está evidentemente relacionada ao fato de ela permitir o conhecimento de experiências e modos de vida de diferentes grupos sociais”, que muitas vezes não correspondem com a realidade do pesquisador; sendo assim “as perguntas devem ser sempre tão simples e diretas quanto possível, em linguagem comum” (ALBERTI, 2008, p. 166).

Juntamente com a história oral será tratada também a memória, visto que as entrevistadas recordaram situações já vividas quando estavam em regime fechado, pois, citando Venera Alberti (2008, p. 167), “a memória é essencial a um grupo porque está atrelada à construção de sua identidade” e ainda, “as entrevistas, como todo testemunho, contêm afirmações que podem ser avaliadas.” (THOMPSON, 1992, p. 315)

A partir desse ponto serão usados alguns fragmentos das entrevistas realizadas, contudo com seus nomes ocultados, sendo identificadas as entrevistadas como: Encarcerada 1, Encarcerada 2 e Encarcerada 3. Elas foram receptivas em contar sobre suas experiências dentro das penitenciárias de regime fechado e semiaberto. A mulher identificada como Encarcerada 1, se limitou a responder o que lhe era perguntado, enquanto que a mulher identificada como Encarcerada 2 contou suas experiências de forma mais “aberta”, falando muito do companheiro, amigas e o tratamento diferente das gestões do presídio. A Encarcerada 3 também foi receptiva ao responder o questionário e se mostrou bem descontraída com a situação. Ainda houve a tentativa de entrevistar outra mulher, porém ela não se sentiu à vontade para continuar e relembrar o

que havia passado dentro do cárcere, dizendo apenas que tinha sofrido muito lá. Todas demonstraram emoção ao lembrar dessa fase do cumprimento de pena.

Elas foram detidas em decorrência do tráfico de drogas, artigo 33 do Código Penal (CP). Encarcerada 2 contou que foi presa graças à operação do Contestado⁵, que visava desarticular uma rede de tráfico de drogas; ela confirmou ser esse o crime que praticava e que se vinculava ao Primeiro Comando da Capital (PCC)⁶. Ela comentou que

E2: Na Operação do Contestado eu levei 3 anos pra ser condenada.

PESQUISADORA: Como assim Operação do Contestado?

E2: É uma operação que teve de escuta, eu levei 3 anos, e daí me condenaram, e mandaram minha condenação bem no dia do Ano Novo que eu estava com minha mãe [...] Tem muito conhecido que corre com PCC né, no caso, daí o que aconteceu, eles acharam que ele rasgou a camisa pra ficar comigo porque eu estava envolvida com o PCC, então meu marido paga... hoje meu marido saiu da galeria que ele estava, porque estavam querendo matar ele, ele levou uma estocada, apanhou muito lá dentro [...] (ENCARCERADA 2, Curitiba, 2017, p. irreg.)

A Encarcerada 1 relata o seguinte sobre a sua prisão:

Na rua eu vendia droga, era moradora de rua, desde os 11 anos, daí eu comecei a me envolver nas coisa errada, fui parar na cadeia, fiquei 4 anos na primeira vez, daí saí, aprontei de novo, fiquei 1 mês na rua, daí fui condenada por tráfico de drogas, 5 anos e 10 meses, daí eu saí em setembro do ano passado de tornozeleira. (ENCARCERADA 1, Curitiba, 2017, p. irreg.)

E sobre a prisão da Encarcerada 3:

Antes de eu entrar no sistema em 2009, foi quando eu cai presa a primeira vez, já era difícil né, era mãe e separei do meu marido e fui vender droga, só que eu vendia na minha área ali, ali na minha casa, na minha vila, daí apareceu alguém ali e me ofereceu pra ir pro Centro e eu fui a primeira vez, só que eu fiquei muito pouco tempo, e... 2009 cai e fui condenada a 8 anos e 6 meses, que eu puxei 4 anos e saí em 2014, daí eu fiquei 10 meses na rua, procurei serviço, né [...] Fiquei 10 meses daí na rua, fui presa, saí em janeiro de 2014, em novembro eu já fui presa de novo de 2014 [...] Daí peguei uma condena de 5 só que como eu era reincidente peguei 3/5, fiquei 2 e 10 agora. Era pra mim ficar mais tempo só que teve mutirão e eles me deram a tonozleira, senão era pra mim ficar mais 4 anos. (ENCARCERADA 3, Curitiba, 2017, p. irreg.)

A questão que norteia a pesquisa visa identificar o abandono e a invisibilidade que as mulheres encarceradas enfrentam, por isso perguntou-se às três se recebiam visitas de

⁵ Saiba mais em: Operação “Rota do Contestado II” que desarticula rede de tráfico de drogas. Disponível em: < <https://mpsc.mp.br>>. Acesso em: 25 de abr. 2017.

⁶ Organização criminosa do Brasil que comanda assaltos, rebeliões, sequestros, entre outros crimes. Atua principalmente em São Paulo, mas está presente em mais 22 Estados do país. Disponível em: <<https://paulabigoli.jusbrasil.com.br>>. Acesso em: 25 de abr. 2017.

seus familiares enquanto estavam no regime fechado, visto que o semiaberto proporciona uma “liberdade” maior para elas. Tais respostas serão descritas a seguir.

PESQUISADORA: É, quem que ia te visitar?

E1: Minha mãe.

PESQUISADORA: Sua mãe. Você é casada tem filhos?

E1: Eu tenho um filho de 11 anos que vive com a minha mãe, desde nenezinho.

PESQUISADORA: Ele foi te visitar?

Foi duas vezes só, que eu não gostava que ele fosse...lá não é um lugar bom pra ele ir. (ENCARCERADA 1, Curitiba, 2017, p. irreg.)

PESQUISADORA: Mas, e a tua família, é de Santa Catarina?

E2: Santa Catarina. Moro com uma amiga, sabe que não é fácil morar na casa dos outros, mas melhor que estar presa, conforme o dia vai passando as coisas vão melhorando

PESQUISADORA: Então a tua família nunca veio te ver?

E2: Não, quem veio me ver foi essa amiga ...

PESQUISADORA: Mas eles sabiam?

E2: Sabiam, só que eles também não têm condições, eu não julgo eles também (sim, é outro Estado né) Outro Estado, gasta muito, minha mãe teve aquele negócio na perna que tem que amputar (Trombose) isso, então, ela gasta muito em remédio, tem que usar fralda, então jamais eu culpo minha mãe, minha família [...] (ENCARCERADA 2, Curitiba, 2017, p. irreg.)

Insistindo um pouco mais com a 2

PESQUISADORA: Mas ninguém nunca foi te visitar?

E2- Um tempo depois foi, a minha família primeiro me deu um castigo, mas depois eles foram me visitar, depois de três anos presa.

PESQUISADORA: Você esperava esse dia? Esperava que alguém fosse?

E2- Esperava, sempre me arrumava, e ficava lá esperando, aí depois...

PESQUISADORA: Depois de quanto tempo que você parou de esperar?

E2: Depois de um ano, aí eu desisti.

PESQUISADORA: Qual era o dia de visita?

E2: Domingo. Mas sabe o que é legal, o legal é que a C., também não tinha visita, e tipo a gente acaba se apegando às que não tinham visita, a gente se apegava bastante, eu e ela, acredito que eu sou igual uma mãe pra ela, essa menina eu até gostaria que fizesse parte da minha família, ela me ajudou bastante na cadeia, ela chegou numa parte assim da minha vida. Como eu te contei que tive começo de leucemia, aí quando eu voltava ela deixava shampoo, sabonete pra mim. Querendo ou não ela fez parte da minha vida. Ela é a parte principal da minha vida. (ENCARCERADA 2, Curitiba, 2017, p. irreg.)

Como pode ser observado nessa fala, a Encarcerada 2 revela ter grande apreço pela Presa C., considerando-a de sua família. Na entrevista foi possível notar que ela evitava falar de seus familiares; num primeiro momento, falava muito no seu marido e no medo que ela tem de que algo aconteça com ele dentro da prisão, pois na entrevista ela afirmou que, “sabe o que o diretor de onde meu marido tá falou pra advogada? Que lá é o lixo dos lixos, não estão nem aí, querem que eles se matem, eles esquecem que tem família.” (ENCARCERADA 2, Curitiba, 2017, p. irreg.) E num segundo momento, falava da sua

companheira de cárcere. Consultando seu prontuário, constatou-se que ela tem uma filha, porém em nenhum momento se referiu a isso. Para Goffman (1974, p. 58), há tendências de solidariedade e formação de “panelinhas”⁷ em grupos que habitam instituições totais, mesmo que essa solidariedade seja limitada pelo receio de algum ataque.

Ainda sobre a questão do abandono, a Encarcerada 3 relatou o seguinte:

Sempre tive a minha mãe, é nesses 4 anos a minha mãe nunca faltou, minha mãe, minha irmã, meu pai e meu filho, mas depois né, eles cansam, minha mãe nunca deixou de me levar a sacola e depois desses 4 anos, agora nessa última condena ela só ia uma vez por mês, daí só ia ela. Minha irmã e meu pai desistiram no meio do caminho, mas minha mãe sempre permaneceu do meu lado. [...] Você não tem nada pra comer, você não tem ninguém da sua família ali pra trocar uma ideia e falar o que você tá passando. Muitas são oprimidas lá dentro, tipo, pega castigo absurdo e isso atrasa a sua cadeia, então tem várias situações que tem preconceito ali dentro mesmo existe, sabe, [a voz mais alterada nesse momento] entre as guarda ali, entre a direção porque se você não tem uma pessoa que te segue como um advogado alguma coisa, é mais fácil de você ser humilhada, é mais fácil de você pegar um castigo, de ter que fazer um adiantamento ali pra conseguir alguma coisa dentro da cadeia, então é bem difícil. (ENCARCERADA 3, Curitiba, 2017, p. irreg.)

A primeira encarcerada via o filho poucas vezes enquanto estava em regime fechado; já a segunda não recebeu em nenhum momento a visita da família, apenas a de uma amiga como foi exposto; a terceira recebia visitas regulares na primeira vez que foi presa, mas na segunda condenação apenas a mãe continuou visitando, mesmo que poucas vezes.

Sobre o abandono, a Encarcerada 2 ainda relatou que muitas vezes não tinha sacola, pelo motivo de não ter familiares próximos e que *“muitas vezes comi comida com bicho, senti fome, a vida lá é sobreviver, longe da família, saudade da minha mãe, saudade de tudo.”* (ENCARCERADA 2, Curitiba, 2017, p. irreg.) Já a Encarcerada 3 relatou que

Agora na minha segunda mão, me senti muito...Vamos dizer assim, meio que esquecida de vez em quando, que eu fui pra Ponta Grossa, minha mãe me fortaleceu lá, chegou a ir, mas assim, minha irmã, as coisas que eu mais precisava é não tinha, porque eles se cansam, entende, e isso pra mim já é uma questão de esquecimento, e é uma coisa que machuca né, uma coisinha mínima, deixou de levar ali alguma coisa você já se sente esquecida, as vezes não é as melhores coisas, você se sente que tá meio que sendo tirada da vida, porque né... porque não trouxe o que eu pedi, porque que não pôde, tá tão difícil assim? Eu não acredito que tá tão difícil. Então assim, são pensamentos que debatem com você, mas já me senti já dessa forma, não sei te explicar exatamente o porquê, como foi a forma, mas já me senti invisível. De você reclamar pra sua família de como tá lá dentro e tipo você saber que a pessoa podia ir lá e sei lá, fazer alguma coisa ou simplesmente falar com a chefe de segurança. E não fazem nada, porque? Porque

⁷ Um grupo restrito composto por pessoas que possuem afinidades.

tá lá dentro e tem que pagar por aquilo que fez e pá.. e não é bem assim. Nessa questão já me senti invisível. (ENCARCERADA 3, Curitiba, 2017, p. irreg.)

Na fala acima, a Encarcerada 3 demonstra que se sentiu sozinha por diversos momentos, sem ninguém para conversar e poder solicitar alguma ajuda; estar em outra cidade pode ter contribuído para a sua solidão, pois o deslocamento da família era mais difícil e caro, o que justifica de certa forma a redução das visitas. Outro fator que também pode ser levado em consideração é a reincidência da presa, que acabou cansando seus familiares. A frase dita por ela que “tem que pagar por aquilo que fez”, reforça o argumento de muitos, que pensam que “elas devem pagar por sua falta num silêncio eterno” (PERROT, 2013, p. 17).

Sobre o regime fechado, a Encarcerada 1 relata que, para sobreviver, foi preciso se fechar em seu mundo,

Lá tem dia que cê levanta nervosa, injuriada, altas vezes eu discuti com as agente lá, mas é porque cê levanta ..., tipo oito ano da tua vida que cê perdeu lá dentro, então tem hora que cê fica louca. Mas lá dentro eu fechava meu mundo lá, tipo não pensava muito aqui fora, fechava meu mundo lá dentro lá, que cê pensar aqui fora pesa mais ainda. (ENCARCERADA 1, Curitiba, 2017, p. irreg.)

As pesquisadoras da educação Araci Asinelli-Luz e Ires Falcade entrevistaram mulheres encarceradas para a dissertação de mestrado, e no material recolhido por elas também é possível notar o abandono dessas mulheres; elas não identificam as presas por nome, apelido ou número, apenas com as letras GF que correspondem ao Grupo Focal. Tais mulheres comentaram sobre a falta de visitas, “não temos visita íntima, nem visita direito, eles complicam tanto que as pessoas desistem de vir visitar” (ASINELLI-LUZ, FALCADE, 2016, p. 23). E ainda,

Porque a trouxa das mulheres vão pras portas do presídio. Na porta do presídio dos homens, é sempre cheio de visita e aqui na porta do nosso sabe quanta visita tem? 5 no máximo. Tudo da família, nenhum marido. As esposas, 99% vem visitar o marido e os homens tão lá fora numa boa e nós aqui dentro se ferrando. (ASINELLI-LUZ, FALCADE, 2016, p. 23).

Outro relato é da presa F. S. S., em carta endereçada ao juiz que cuidava de seu caso, a carta estava anexada em seu prontuário no Escritório Social; ela pediu por uma portaria especial em seu regime semiaberto, para cuidar da filha de 4 anos,

Estou cumprindo pena desde 16 de dezembro de 2013 durante todo esse período nunca recebi visita dos meus familiares, tenho uma filha que se encontra hoje com 4 anos e 10 meses, a(sic) 3 meses estou no regime semiaberto, só assim quando

tive o benefício da portaria reencontrei minha filha [...] (sic) (F. S. S. Carta, 2016, p. irreg.)

Há também o trecho de outra carta, enviada de fora da prisão por uma amiga de uma detenta de iniciais P. N. C, em que D. A. V pede para visitar sua amiga que está presa e não recebe visitas de outras pessoas,

Ela é minha amiga a(sic) muitos anos e todas as pessoas da família dela a abandonou e outras foram detidas. Se não corri atrás(sic) disso antes é porque a vó (dela) ia nas visitas e por isso eu não podia entrar, mas agora ela também foi presa e agora a P. ficou totalmente abandonada, gostaria de ajudar minha amiga podendo levar as sacolas semanais [...] (D. A. V. Carta, 2013, p. irreg.)

Em resposta, a presa em questão enviou uma carta para a amiga em que relata estar com saudades e preocupada com a avó que não dava mais notícias; há uma sequência de correspondências entre elas, que foram trocadas no ano de 2013, e algumas partes serão descritas abaixo:

O T. não teve coragem nem de fazer a carterinha, esperou a 1º oportunidades e me abandonou aqui, aposto que tá com aquela coisa, mas fazer o que né? Eu tô presa mas quando eu sair vou resolver bem certinho essas coisas. [...] Saudades de você amiga. [...] Vou ficando por aqui e espero resposta sua até mais te amo. Beijos. (P. N. C. Carta, 2013(a), p. irreg.)

Bom recebi essa semana sua carta fiquei feliz por saber que pelo menos você não esqueceu de mim, sabe amiga já faz um mês que não tenho notícias de ninguém da minha família to preocupada com minha vó [...] Sinto como se eu tivesse morrido, sabe todos me abandonaram, nem uma carta pra dizer que estão bem [...] (P. N. C. Carta, 2013(b), p. irreg.)

Oi minha amiga espero que você esteja bem, recebi sua carta você sabe que nunca vou te esquecer, estou bem na medida do possível. Sabe amiga fico triste por estar abandonada por pessoas que eu tanto amo e que tanto ajudei, mas fazer o que né amiga, um dia eu saio daqui. (P. N. C. Carta, 2013(c), p. irreg.)

Só me resta você amiga. [...] Sei que a batalha é grande mas vitória certa [...] Bom amiga já chega de te encher, me escreve para dizer como tá você e a M, tô com tanta saudade de vocês. Dá um abraço na sua família e fique com Deus. Logo estarei aí para te dar um abraço. (P. N. C. Carta, 2013(d), p. irreg.)

São quatro fragmentos de datas diferentes, porém revelam o sentimento de abandono em todas elas, e ainda é possível notar a relação de apego da presa para com sua amiga; em uma das cartas até comenta que é como se estivesse morta, pois não recebia visitas ou cartas de pessoas da sua família. Esse sentimento também foi possível ser notado nas entrevistas. Não é apenas o abandono emocional que as fragiliza dentro do ambiente penitenciário, é também o abandono financeiro. Nas entrevistas duas presas revelaram a

importância da sacola ou jumbo, pois a alimentação delas vem do que os familiares ou amigos levam e também itens de higiene e até mesmo roupas íntimas. Tais necessidades também evidenciam que o sistema não consegue atender suas demandas.

Goffman observa que “no mundo externo, por exemplo, o internado provavelmente podia decidir, sem pensar muito, como desejava o seu café [...] na instituição, tais direitos podem tornar-se problemáticos.” (1974, p. 50). Nos relatos a seguir é perceptível a importância que as encarceradas davam às visitas e principalmente à “sacola”,

Amiga eu queria pedir pra você vê se tem como você ver se não tem lá nas minhas coisas uma calça cinza M sabe do pano mole tipo saruel e umas calcinha que não seja fio tem que ser meio grandinha, e uns sutiã ou top, eu tô sem, na verdade só tenho 1 sutiã porque não pode ter de bojo sabe como é né, e calcinha só tenho 2 [...] essas coisas só entra de 3 em 3 meses então só vai entrar em dezembro [...] (P. N. C. Carta, 2013(c), p. irreg.)

Lá dentro a gente sofre pra caramba, de saudade, quando você tá com vontade de comer alguma coisa você não pode comer porque você não tá na rua, lá dentro não entra o que você quer comer, agora eu tô feliz, como o que eu quero, bebo o que eu quero, tô perto das pessoa que eu amo [...] (ENCARCERADA 1, Curitiba, 2017, p. irreg.)

Não tinha sacola, muitas vez lavei roupa, limpei X pra ganhar uma bolacha, alguma coisa, aí depois que eu consegui trabalhar, consegui tirar meu salário fazer minha sacola [...] (ENCARCERADA 2, Curitiba, 2017, p. irreg.)

Sacola no sistema é uma coisa importante pro preso, é uma forma de você não passar fome, então é bem difícil você encontrar pessoa que vão até o final da caminhada, pode chegar um tempo e ficar, mas é bem difícil, bem precário, as meninas passam em condições sofrida mesmo que se você não tiver uma sacola numa visita o que você vai comer? Entendeu! (ENCARCERADA 3, Curitiba, 2017, p. irreg.)

Ainda se perguntou a elas como era a questão de ser uma mulher presa, como eram vistas; as duas falas revelam que o homem encarcerado impõe respeito, enquanto elas sofrem violências diversas,

É complicado né, diferente do homem que impõe respeito com a mulher não, é tipo nossa você passou pela cadeia, uma coisa bem chata. Faz 8 anos atrás que eu puxava cadeia, a mulher presa era esquecida. Hoje, digamos que o sistema judiciário dá uma atenção maior, mas tipo tem uma atenção maior, mais ainda existe o machismo entre os homens. (ENCARCERADA 2, Curitiba, 2017, p. irreg.)

Sim, total, uma que homem tem mais respeito, eu acho pelo menos que os guardas mesmo em si eles respeitam mais. Agora mulher não, muito barulho, muita confusão, muita inveja. (ENCARCERADA 3, Curitiba, 2017, p. irreg.)

Esses são alguns fragmentos sobre a experiência carcerária de mulheres, a fim de proporcionar informações acerca do sistema penitenciário. É importante contar as experiências delas, para que os “vestígios” femininos sejam deixados à disposição, e suas vozes sejam “ouvidas” e os estereótipos sejam quebrados, pois, como indica Perrot (2013, p 22), “no teatro da memória, as mulheres são uma leve sombra.”

Sobre a questão referente à invisibilidade e o abandono das mulheres presas, foi possível constatar por meio das cartas e também das entrevistas orais, que de fato existem; que elas conseguem se perceber como invisíveis, e que esse abandono possivelmente seja imposto a elas por serem mulheres que não corresponderam ao papel que normalmente se espera delas. Algumas colocaram isso de forma explícita e outras o deixaram subentendido, pois nem mencionaram filhos e outros familiares. Há, sim, o sentimento de abandono e uma necessidade de serem ouvidas, já que, por tanto tempo, foram silenciadas.

Elas devem, portanto, sair da sombra e da marginalidade, e no que se refere às mulheres encarceradas, não apenas falar por elas, mas sim falar com elas, pois elas, além de estarem privadas de liberdade, normalmente são privadas de fala. E elas querem ser ouvidas, “porque presidiário tem um problema, sabe... E ele quer conversar, quer falar, quer ouvidos [...]” (ENCARCERADA 3, Curitiba, 2017, p. irreg.)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar sobre mulheres desviantes, num recorte temporal tão próximo, foi algo desafiador e por vezes perturbador. O questionamento feito acerca das causas da invisibilidade e do abandono como formas de punir as mulheres que cometeram algum ato criminoso foi em grande parte respondido no segundo item deste artigo.

As entrevistas orais contribuíram muito para chegar ao resultado de que sim, elas são esquecidas e abandonadas por seus familiares e também pela sociedade por terem se comportado de maneira diferente ao que é, tradicionalmente, esperado de uma mulher. Os teóricos utilizados na pesquisa ajudaram na reflexão e discussão do tema.

Apesar da imagem tradicionalmente perpetuada, no decorrer dos séculos, de mulheres dóceis, passivas, esposas virtuosas e mães amorosas, elas delinquiram e continuam transgredindo as regras. Hoje, talvez mais do que em outras épocas elas têm

furtado, roubado, traficando, e cometido assassinatos, indo contra tudo o que foi e é concebido para a figura feminina.

As razões pelas quais as mulheres enveredaram pelo caminho da criminalidade não foram exploradas nesta pesquisa, podendo ser pensadas para próximos trabalhos. Mas, ficou claro que há um preconceito ou estigma maior quando a mulher comete um crime, e que este está presente, inclusive entre familiares que acabam abandonando-a no cárcere, rompendo laços de afetividade.

As fontes orais foram de máxima importância para poder “enxergá-las”, já que em relatórios elas aparecem como dados estatísticos. No entanto, no “olho no olho” foi diferente. Eram, são, pessoas, MULHERES, com sonhos, planos e sorrisos interrompidos. As que se encontram em regime semiaberto são monitoradas, já passaram pelo pior que a vida reclusa poderia lhes oferecer, e sabem que podem voltar para tal espaço se se desviarem minimamente do caminho que lhes foi imposto.

Foram diversos os dias passados com elas, diversos dias olhando prontuários, histórias de mulheres que foram presas pelos mais variados crimes, pelas mais variadas quantidades de drogas, e pelos mais variados tempos de pena a ser cumpridos. De senhoras a jovens, de estudante de medicina ou professora universitária a analfabetas desempregadas, de negras, de brancas, solteiras ou casadas, católicas ou budistas, nenhuma delas, nenhuma de nós está imune a cometer, ser acusada de algum delito e ser privada de liberdade.

Para tanto, é necessário que mais pesquisas sejam feitas, que pesquisadores de diversas áreas possam ir aos espaços prisionais e conversar com essas pessoas, escutar suas histórias e reclamações, propor relatórios que possam de alguma forma contribuir para que este cenário de miséria, abandono e colapso prisional possa ser minimizado.

É tarefa da sociedade exigir políticas públicas nas mais diversas áreas, cobrar dos seus representantes melhorias para toda a população, pois essas mulheres contempladas pela pesquisa e tantas outras, e homens que também estão privados de liberdade, voltarão um dia para a sociedade. Essa pode ser uma nova chance para se integrar à sociedade ou para ser novamente marginalizados.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Fontes orais: histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (org) **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

ASINELLI-LUZ, Araci; FALCADE, Ires Aparecida. Discriminação de gênero no sistema penitenciário: implicações vividas. In.: FALCADE, Ires Aparecida. (org). **Mulheres invisíveis: por entre muros e grades**. Curitiba: JM Editora e Livraria Jurídica, 2016.

CENTRO DE REGIME SEMI-ABERTO FEMININO DE CURITIBA – CRAF. Disponível em: <<http://www.depen.pr.gov.br>>. Acesso em: 24 mar. 2019.

D. A. V. Carta. Piraquara, 2013.

ENCARCERADA 1. Entrevista concedida à Pamela de Gracia Paiva. Curitiba, 19 de abr. 2017.

ENCARCERADA 2. Entrevista concedida à Pamela de Gracia Paiva. Curitiba, 19 de abr. 2017.

ENCARCERADA 3. Entrevista concedida à Pamela de Gracia Paiva. Curitiba, 15 de mai. 2017.

FOUCAULT, Michel, **Vigiar e Punir: Nascimento da prisão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

F. S. S. Carta. Curitiba, 04 de ago. 2016.

GOFFMAN, Erving. As características das instituições totais. In: _____. **Manicômios, prisões e conventos**. Tradução Dante Moreira Leite. São Paulo: Perspectiva, 1974.

GOMES, Thais Candido Stutz. Dossiê: **As mulheres e o sistema penal**. Disponível em: <<http://www.oabpr.org.br>>. Acesso em: 22 mar. 2019.

PENITENCIÁRIA FEMININA DO PARANÁ (PFP). Disponível em: <<http://www.depen.pr.gov.br>>. Acesso em: 24 mar. 2019.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2013.

P. N. C. Carta, Piraquara, 17 de ago. 2013. (a)

P. N. C. Carta, Piraquara, 25 de ago. 2013. (b)

P. N. C. Carta, Piraquara, 14 de nov. 2013. (c)

P. N. C. Carta, Piraquara, 23 de nov. 2013. (d)

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.